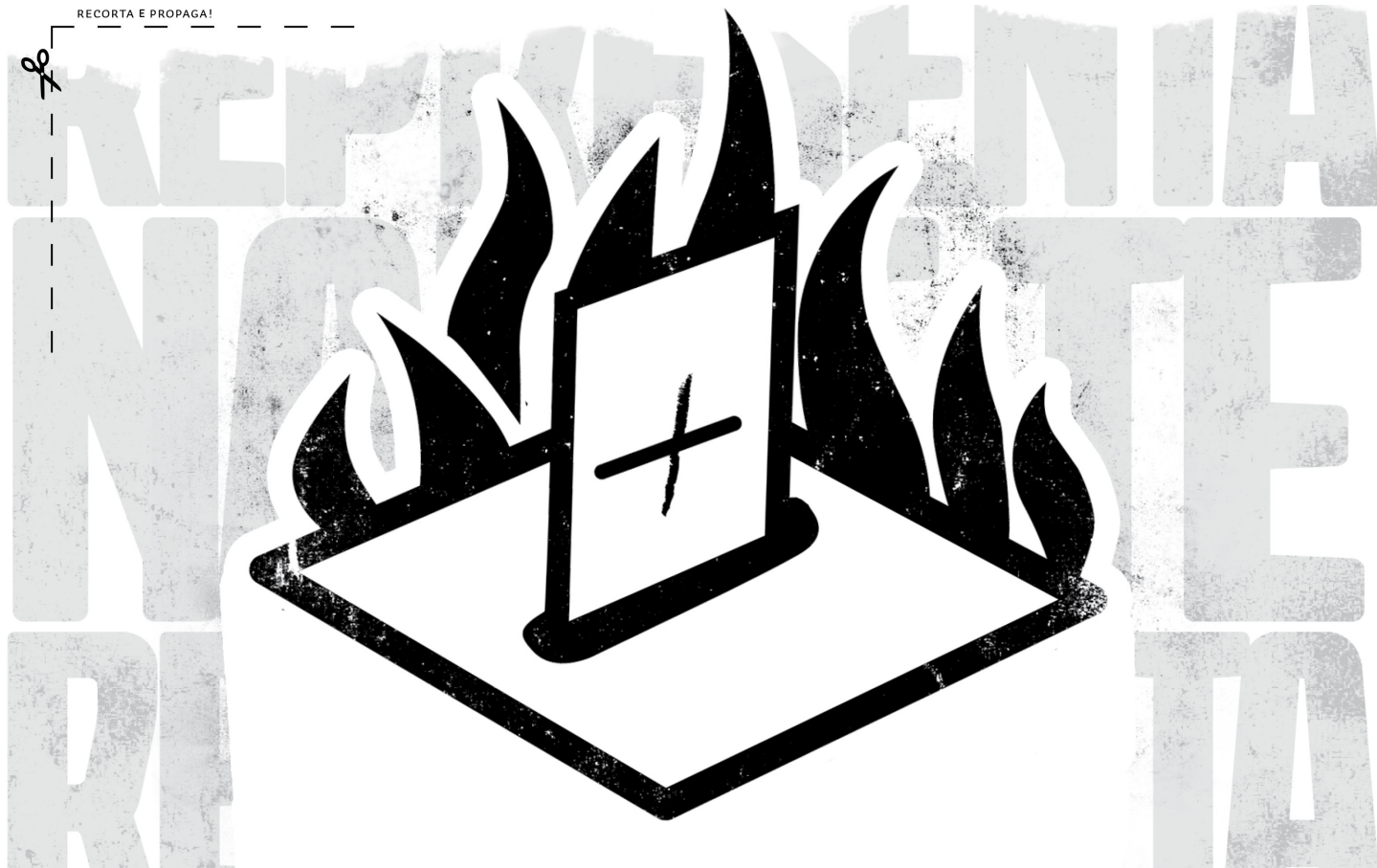




RECORTA E PROPAGA!



Nin medo, nin esperanza. Non voto a ninguén, loito por todo.

Texto atopado nas rúas de Compostela

Nin medo

O intento de impoñer o temor a toda a sociedade é a política principal do goberno nos últimos anos. Céntrase na aterrorización e no sometemento dos principais afectados da reestruturación capitalista (desempregados, desafiuzados, persoas sen teito, inmigrantes,...) así como a represión de quen segue resistindo ao saqueo da nosa vida.

Nin esperanza

A esperanza que tratan de vender esta nova onda de partidos é a outra cara da mesma moeda autoritaria. É unha válvula de descarga da rabia social acumulada. Como partidos da oposición parlamentaria eríxense como representantes dos movementos e loitas sociais para poder beneficiarse delas nas urnas.

Non voto a ninguén

O binomio do medo e a esperanza, do látego e a ce-

noura, sempre foi utilizado polos gobernantes como mecanismo de control e manipulación co fin de conseguir o consentimento da xente e fortalecer “os interese da clase política e empresarial.

O temor e a esperanza son dúas caras da mesma moeda.

Se non tomamos nas nosas propias mans as decisións que concernen as nosas vidas, se non asumimos a responsabilidade da autoxestión social, ningún lí-

der e ningún partido van salvarnos.

Loito por todo

Sabemos moi ben que nada nos foi concedido. Nada nos concederon nin os gobernos, nin os partidos, nin os patróns. O que nós conquistamos o fixemos loitando nos lugares de traballo, nos nosos barrios, na rúa. E aí seguiremos estando. Tecendo complicidades no camiño da revolución social, da anarquía.

Neste
número

• **Novas:** Ataques em Paris: contra as guerras deles, nossas solidariedades. A Europa contra os cidadáos. Cara unha nova posición de combate da insurrección anarquista: Chamado internacional por un decembro negro. Novas denuncias no C.P. de Teixeira Noelia Coteló de novo en folga de fame · Saen en liberdade Enrique Costoya e Borja Marquerie · **Opinión:** Sim é cousa de relixions; e eu nom som France. Os Fenómenos Eleitorais Mediáticos fazem o seu papel. Eis como funcionan os FEM. Dez puñaladas a política · **A columna:** Fragmento do libro Ai ferri corti (Anónimo).



Ataques em Paris: contra as guerras deles, nossas solidariedades.

Comunicado da organização **Alternative Libertaire**.

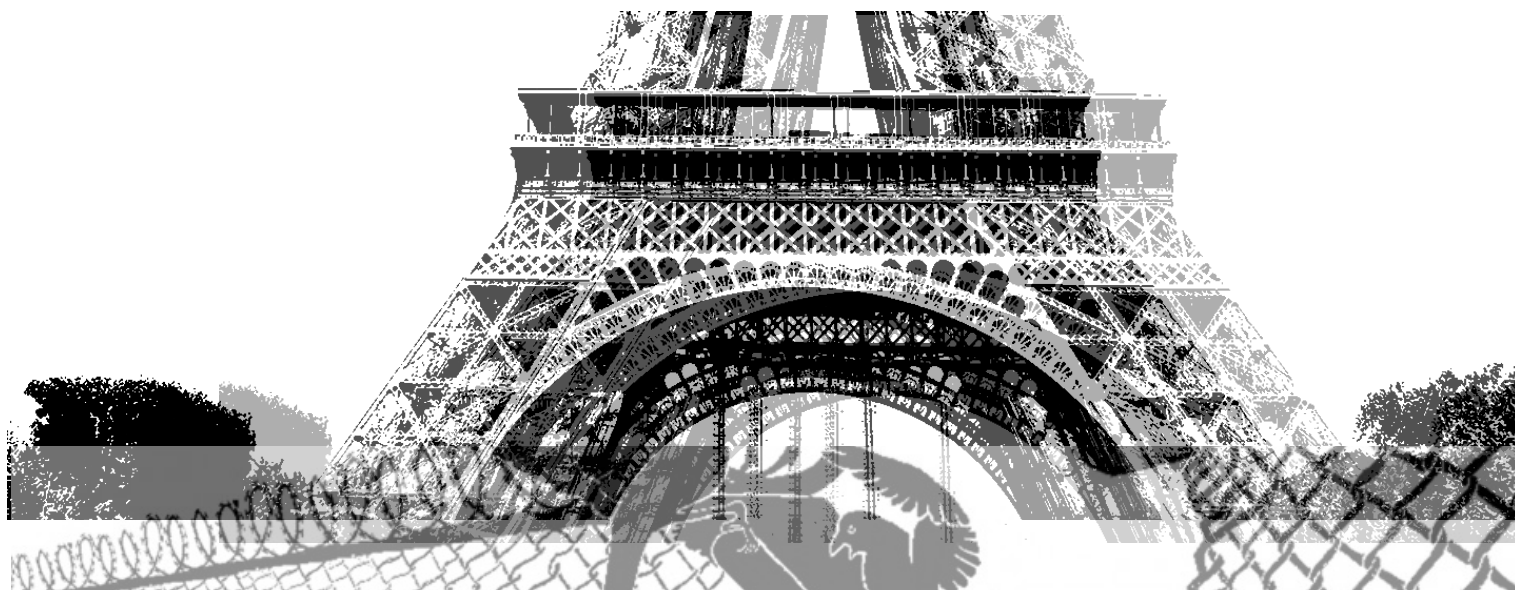
Uma onda de ataques mortais teve lugar em Paris e Saint-Denis. O governo francês está travando guerras em vários países (Líbia, Mali, Síria...) há anos. Hoje estas guerras tiveram um impacto sobre o território francês. Sofremos estes ataques que visam espalhar o terror e provocar divisões no seio da população. Alternative Libertaire condena estes ataques: matar pessoas aleatoriamente na rua e cegamente com o

único propósito de assustar é abominável.

Estes ataques são obra de um movimento político –o jihadismo salafista– cujas primeiras vítimas são as populações civis do Oriente Médio e, nos últimos dias, já chegaram a Beirute. Esse mesmo movimento político que continua a travar uma guerra contra as forças progressistas curdas na Síria. Na sequência destes ataques, desencadear-se-ão operações de segurança sustentadas por forças políticas que se utilizam de nossos medos para nos jogar uns contra os outros. Agora, as pessoas imigrantes e as minorias muçulmanas estão começando a ser afetadas por declarações políticas e estão sujeitas a retaliações indiscriminadas.

Não será uma repetição de dispositivos draconianos que irá impedir novos ataques. O estado de emergência é a suspensão de vários direitos democráticos, a legalização de medidas repressivas em grande escala no que diz respeito aos vários setores da população que não têm nada a ver com os ataques. Rechaçamos que o governo aproveite esta oportunidade para proibir as mobilizações sindicais e ecologistas futuras. Tudo isso irá espalhar e reforçar os medos e ódios. Tudo isso só vai levar a uma escalada entre os ataques terroristas cada vez mais sangrentos e respostas de segurança cada vez mais repressivas. A resposta não é nem a retirada nem a militarização da sociedade.

A solução não virá daqueles que contribuíram para esta situação, com suas políticas militaristas, imperialistas, discriminatórias, de ódio. Eles usam isso para cada vez mais impor um Estado policial e de unidade nacional entre exploradores e explorados, que rechaçamos e denunciemos. A solução requer o fortalecimento da solidariedade, nos bairros e em nossos locais de trabalho, e através da consolidação de todas as pessoas e de todos os que negam todos os regimes terroristas. Não vamos nos permanecer isolados! Vamos nos reunir para falar sobre nossas responsabilidades com a situação, especialmente em termos de ações unitárias de todas as forças de transformação social.



A Europa contra os cidadãos

Uma reportagem de **Teófilo Fagundes** para o jornal **MAPA**

A União Europeia (UE) irá alterar os códigos fronteiriços de Schengen de forma a introduzir controlos sistemáticos (até aqui reservados apenas para cidadãos de países terceiros) de cidadãos comunitários nas fronteiras externas da zona de circulação livre da UE.

Numa reunião extraordinária em Bruxelas na passada sexta-feira (20 de Novembro), os ministros da justiça e da administração interna da UE decidiram não esperar pelo pacote de Fronteiras Inteligentes, que a Comissão deveria apresentar no início do próximo ano (onde

fará propostas de actualização de tecnologias nos pontos de entrada de Schengen), e decidiram implementar “imediatamente os necessários controlos sistemáticos coordenados nas fronteiras externas”.

Com a justificação de que o perigo, agora, vem de dentro, os guardas fronteiriços irão verificar no Sistema de Informações de Schengen (SIS) se viajantes da UE são considerados perigosos e se merecem revista policial. Até agora, apenas se verificava a autenticidade do passaporte.

Por outro lado, a utilização desmedida e partilhada de bases de dados (como o SIS, a base de dados da Interpol e as das polícias nacionais), que as autoridades têm repetidamente tentado implementar sem sucesso, deu agora um passo fundamental,

com os ministros a concordarem em apressar os processos para a sua efectivação.

Ficou ainda, dessa reunião extraordinária, a pressão sobre o Parlamento Europeu (PE) para que, antes do fim do ano, chegue a acordo sobre um registo de nomes de passageiros (passenger names record – PNR) a nível europeu. O PNR está, presentemente em negociação entre os Estados Membros, a Comissão e o PE. Este último, muito crítico do plano, apenas tem aceiteado um registo de nomes de passageiros de voos externos e com um período de retenção de dados de um mês. Os ministros europeus pretendem, agora, que o plano se alargue aos voos internos e que dados fiquem disponíveis durante um ano.

Sob a capa da luta anti-terrorista, a Europa, depois de se ter cercado de arame farpado, fortifica-se por dentro e pretende, no limite, construir ficheiros com os dados de todos os humanos que habitem ou cruzem o seu território. Aumento dos controlos, partilha de dados entre agências de informações e polícias nacionais, registo sistemático de identidades são ferramentas que uma réstia de respeito pelos indivíduos tem impedido de se imporem em toda a sua força. A cada “acto terrorista” uma nova porta se abre para que a acção policial discriminatória passe de excepção a regra. E a cada declaração sobre o carácter difuso da ameaça ou a “hibridez” da guerra com que é preciso combatê-la se mostram camadas cada vez mais próximas de pessoas que podem ser consideradas “perigosas”.

Novas denuncias no C.P. de Teixeira: Presos agredidos e sen atención médica, actividades, nin ensino obrigatorio

O 16/11/2015, Fernando Blanco, en nome e representación de ESCULCA, interpuxo unha queixa xunto coa Defensoría del Pueblo para instar a apertura de expediente e investigación da situación do Módulo núm.15 do C.P. de Teixeira (de isolamento) onde, segundo testemuñas recollidas polo observatorio, prodúcese vulneracións constantes de dereitos fundamentais.

Estas vulneracións prodúcese tanto no que se refire á atención cotiá dos presos, canto no que a malos tratos ao respecto. En concreto, ESCULCA puido constatar a total ausencia de actividades de tratamento no módulo 15, a falta de seguimento da saúde física e mental dos penados alí recluídos e a práctica de agresións de funcionarios a internos.

Casos concretos

J.A.S.B. denuncia ter sido agredido por varios funcionarios o pasado 6 de novembro, sobre as 12:30-13:00, cando se atopaba no módulo de ingresos a onde fora trasladado despois dunha visita ao dentista. Na agresión terían participado un xefe de servizos e outros 5 funcionarios, que bateron en J.A.S.B. con defensas de goma entanto este permanecía alxemado. A agresión, segundo o propio denunciante, teríase

producido como represalia pola protesta que protagonizaran o día 4 de novembro varios internos para denunciar as duras condicións do citado módulo.

Pola súa parte, S.S.M. denuncia que a pesar de ter diagnosticada patoloxía psiquiátrica leva máis dun ano sen ser examinado por especialista e aínda que xa cometeu numerosos intentos autolíticos non foi incluído no programa de prevención de suicidios. Despois dun ano de reclusión no citado módulo 15, subliña, a traballadora social só se entrevistou con el en 3 ocasións, a psicóloga do centro en 5 e o educador en 7.

Os dous internos permanecen nestes momentos recluídos nunha galería do módulo de isolamento chamada Ala Corta, onde é costume trasladar aos presos en situación de aplicación do medio coercitivo de isolamento preventivo após algún incidente. A ningún deles foi entregada notificación algunha nin lles foron devoltas as súas pertenzas.

A situación no módulo 15

As razóns das queixas dos internos, que motivaron a acción de protesta do día 4 de novembro, alicerzan na ausencia actividades programadas no módulo, na contaxe nocturna, na actitude sobranceira dos funcionarios, na desatención dos servizos penitenciarios, etc...

Non sendo o material escolar que reciben algún día á semana, os presos permanecen 21 horas ao día encerrados nas ce-

las sen ningún tipo de actividade, o que supón unha situación de execución da pena contraria ao principio de humanidade das mesmas. De feito, o formulario do seu Programa Individualizado de Tratamento (PIT) recolle como liñas tratamentais apenas dúas xeneralidades: A.- Normalización Conduta e B.- Ocupación positiva do tempo en prisión.

Tamén a contaxe nocturna con que os funcionarios interrompen reiteradamente o sono dos presos (nalgunhas ocasións até 3 veces por noite), outras humillacións a que os someten ou as escasas entrevistas coa traballadora social, a psicóloga e o educador motivaron a protesta colectiva do día 4 de novembro.

Por outra parte, cando se produciu o incidente (queima de colchóns) as persoas encarregadas de apagar o lume foron outros internos, non os funcionarios responsábeis da seguranza do recinto. A pesar de presentaren síntomas de intoxicación por inhalación de fume, os funcionarios negaron aos catro presos que nese momento estaban na galería e pediron ser recoñecidos polo médico, calquer tipo de atención sanitaria.

As infraccións da normativa penitencia que esta situación determina son numerosas e máis en concreto, desde o punto de vista da tutela de dereitos fundamentais, aténtase contra o dereito á dignidade (art. 10), vida e integridade física (art. 15), carácter rehabilitador da pena (art. 25).

Noelia Coteló de novo en folga de fame. Denuncia, unha vez máis, sufrir malos tratos a mans dos carcereiros.

O 12 de novembro, Noelia Coteló Riveiro iniciou unha folga de fame en protesta porque non lle entregan a súa pertenzas que quedaron no cárcere de Brieva cando foi trasladada á de Topas onde se atopa agora. Pídenlle 300 euros polo porte cando deberían viaxar con ela na condución. Ese mesmo día sufriu malos tratos a mans dos carcereiros de Topas. Un carcereiro abriu a porta da súa cela mentres estaba a ouriñar e iniciaron unha discusión. O carcereiro saíu e volveu con outros catro, todos provistos de porras e luvas. Emprendérona a golpes con Noelia que resultou co beizo partido, o oído esquerdo lesionado e hematomas por todo o corpo. Mentres a levaban a enfermería, volverona agredir. Ao volver á cela onde a teñen encerrada, desapareceran as poucas cousas persoais que quedaban. Noelia continúa en folga de fame, illada a mercede dos boqueras, en réxime FIES 1, o máis duro de todos. Necesita apoio.

Para escribirille:
Noelia Coteló Riveiro
Centro Penal de Topas
Estr. N-630 Km. 313,4
37799 TOPAS (Salamanca)

Cara unha nova posición de combate da insurrección anarquista: Chamado internacional por un decembro negro.

Nikos Romanos, Panagiotis Argirou, membro da Conspiración de Células do Lume – FAI/FRI

Compañeirxs de varias xeografías e diferentes camiños de loita, compartindo os desexos de avanzar na difusión da ofensiva anarquista, lanzan a convocatória por un Dezembro Negro. Reproducimos o comunicado, emitido por algúns anarquistas dende as prisións do Estado grego:

«Odio ao individuo que se postra baixo o peso dunha forza descoñecida, dunha X calquera, dun Deus. Odio a todos aqueles que cedendo a outros, por medo, por resignación, unha parte da súa forza de homes, non só se esmagan a si mesmos, senón tamén a min, a todo o que eu amo, baixo o peso do seu infame concurso

ou da súa estúpida inercia. Odio, si, os odio porque o sinto, sinto que non me poistro ante o galón do oficial, ante a banda do alcalde, ante o ouro do capitalista, ante todas as súas morais e relixións; desde hai tempo sei que todo isto non son máis que fruslerías que rompen como o cristal...» –Albert Libertad

Existen momentos dentro da historia, onde a casualidade dalgúns sucesos pode causar dinámicas variables, que poden paralizar, case por completo, o espacio-tempo social. Foi a noite do sábado, 6/12/2008, cando nuns momentos interpretouse o culmine do conflito entre dous mundos. Por unha banda a violencia insurreccional xuvenil, entusiasta, espontánea e irresistible e, por outra banda, o aparello oficial e institucional do Estado, que legalmente reclama o monopolio da violencia a través da represión.

Non, non se trataba dun mozo inocente e un policía paranoico, que se atoparon no momento erróneo no lugar equivocado, senón dun compa amotinado que atacou un

coche patrulla nunha zona onde había enfrontamentos frecuentes coas forzas represivas, e dun poli que estaba a vixiar a mesma zona e, debido a unha percepción persoal da honra e a reputación da policía, decidiu enfrontarse con xs alborotadorxs só. Foi o choque entre dúas forzas opostas: por unha banda a Insurrección e pola outra o Poder, e os protagonistas principais deste choque representaban cada un o seu lado.

O asasinato de Alexandros Grogopoulou a mans do policía Epameinondas Korkoneas e os grandes disturbios que seguiron, provocaron un choque social moi forte, posto que se fixo cachizas a imaxe da “paz social” e visibilizouse a existencia destes dous mundos contrapostos, da maneira máis clara, causando situacións das que non había volta fácil, ou polo menos sen que se creasen e expresasen feitos cunha dinámica que ninguén podería finxir non notar, non ver, non oír, non decatarse.

A revolta de 2008 conmocionou a unha sociedade que na súa maio-

ría gozaba aínda o benestar consumista e a cultura do estilo de vida occidental e que ignoraba as funestas consecuencias da crise económica que estaba a chegar. Causou vergoña, entumecemento e unha parálise perceptiva, posto que a maior parte do corpo social non podía entender de onde saíron tantos miles de amotinadxs que provocaron disturbios de tal magnitude.

Nas secuelas da revolta, unha serie de intelectuais, de analistas políticos, de profesores, sociólogos, psicólogos, criminalistas, ata artistas, aproveitando cada un o seu propio prestixio profesional e recoñecemento, asistiron ao diálogo público non só para interpretar o decembro de 2008, senón tamén para quitarlle sentido, difamando e condenando a violencia no seu conxunto independentemente de onde proveña, deixando en claro cal é o seu verdadeiro rol social.

Hai moito máis que dicir sobre o decembro de 2008 e do seu legado insurreccional, como este expresouse polas decenas de grupos de acción directa que se

multiplicaron explosivamente en todo o país, creando unha fronte de ameaza interna. Un período onde a acción directa anarquista estaba a minar, case a diario, a normalidade social. Pero o que buscamos principalmente é lembrar... Lembrar o que foi o decembro de 2008 e como a anarquía contribuíu, tomando un papel protagonista, na manifestación de situacións combativas que tiveron resonancia no movemento anarquista internacional.

Lembrar a era onde a anarquía superou o medo á detención, ao cativerio e á represión violenta, e por isto tomou unha confianza abafadora, avanzando en accións e movementos que ata entón parecían imposibles. Unha confianza que se expresou en todo o espectro da acción anarquista multiforme, desde as simples intervencións públicas ata as ocupacións de todo tipo, e desde as prácticas conflitivas espontáneas ata as accións de ataque máis organizadas.

Queremos lembrar ao noso xoven compa que foi culpable da súa espontaneidade, algo que pagou coa súa vida. Poida que estivésemos nós no seu lugar noutras circunstancias, posto que é o mesmo entusiasmo insurrecto que nos caracteriza desde entón, e é bo que TODXS lembren a súa procedencia e non a exorcicen.

Queremos lembrar o bonito que é que se paralice o espacio-tempo social, a través de pequenos ou maiores cortocircuitos sociais. Queremos lembrar o perigosa que é a anarquía cando quere. Queremos revivir os días en que “a morte xa non terá autoridade e espidos os mortos confundíronse co home do vento e a lúa poñente, e estarán ao sol ata que o sol estale” (versos parafraseados dun poema de Dylan Thomas).

«Esta é a forma en que aprendemos a humildade.

¿Cantas veces a xente sentouse e esperado soa nunha casa esperando que xs compas volvan?

A batalla planéase

Tense en conta cada minuto

Cada quen sabe que ten que facer

Púxose sumo coidado.

Esta noite, ¿cantas guerrillas libran batallas?

Esta noite, a radio informa de que a policía tenta sacar por centos de manifestantes das rúas.

Voan pedras, podes escoitar os cantos, os vidros para romper, as alarmas detrás da verborrea do xornalista.

Son as once.

Non pasou aínda.

¿Cantos pasaron antes de nos?

A liña remóntase

na historia.

¿Cantos quedan por pasar?»

Weather Underground

Comezamos coa constatación simple que existe a necesidade urxente de que se delinee unha estratexia cuxo núcleo sexa a acción anarquista multiforme que choque de fronte co Poder e os seus expoñentes. Temos a convicción de que a contribución dunha máis proposta teórica acerca da organización anarquista non sería fértil desde o momento en que quedaría no marco estreito da rixidez ideolóxica. Se non tentásemos alixear as contradicións cotiás a través de accións que complementen a totalidade do obxectivo liberador, entón estamos condenados a afogarnos no diluvio da introversión que alaga as contornas anarquistas.

Creemos que para poder proceder cunha estratexia en cuxos eixos se entrecrucen os grupos de afinidade, a loita multiforme e a insurrección anarquista permanente, debemos comprobar na acción as nosas resistencias, a nosa dinámica, as nosas posibilidades e os nosos límites. Desta maneira seremos capaces de presentar os nosos pensamentos baseándonos en experiencias de loita verdadeiras e non en acrobacias teóricas. Vivimos o principio do fin do mundo tal e como o coñecemos ata hoxe.

O intento de arranxo pacífico dos conflitos sociais por parte do Estado pertence a un pasado remoto, como o da prosperidade económica, agora os modelos de intervencionismo estatal na economía tíranse ao lixo, posto que a omnipotencia das multinacionais e a capacidade do Capital de traspasar fronteiras nacionais sen límites foron institucionalizadas polos centros de Poder dominantes. A narración histórica dos Estados-Nación, que lle serviu ao desenvolvemento capitalista durante décadas, agora colapsa, a fasticización tecnolóxica ofrece infinitas posibilidades de xestión das emocións humanas, a crecente complexidade da articulación social desestabiliza os automatismos sociais e militariza a vida social dentro das metrópoles, as máquinas de dixitalización da vida desenervan o complexo funcionamento crítico do pensamento dos seres humanos creando cemiterios de conciencias, as imaxes do horror humano asimílanse pola conciencia social e deixan de crear emocións máis aló da sensación de shock.

Atopámonos no proceso de melloramento cualitativo da «guerra civilizada», onde a felicidade dun convive co martirio do outro, neste novo ambiente aparece a especie dos humanos contemporáneos, xeneticamente aptos para aceptar como obvia unha forma de vida enferma dentro dun mundo dexenerado, do que todo o salvaxe da natureza desapareceu a mans da rexeneración urbanizadora e o rumbo expansivo das condicións artificiais da civilización. Vivimos entre roedores industriais que viven cunha dieta controlada, nun ambiente controlado e transfórmanse en modelos sociais que debemos seguir para sobrevivir.

Neste contexto, a anarquía obtén unha posibilidade estratéxica para incendiar todas as formas de representación política e ser unha fronte dunha guerra aberta e heterodoxa contra a dominación, que transformará a diversidade e a pluralidade de opinións existentes dentro da comunidade anarquista nunha vantaxe, e fará que xs reprimidxs que deciden romper as súas cadeas conflúan nos centros de loita que se crearán. Ás veces, as constatacións máis importantes dinse da maneira máis simple, queremos ver que o mundo do Poder destrúese coas mans armadas de homes e mulleres amotinadxs. Superamos, pois, os esquemas teóricos e volvemos poñer o peso do debate no punto inicial, no punto onde a pedra sae da nosa man para acabar na cabeza dun poli, no punto onde decidimos romper as cadeas do cativerio, no punto onde as vontades subversivas exprésanse de maneira combativa nas rúas, no punto en que se atopan os indicadores dun artefacto de reloxeira que busca voar a nubla asasina da orden da lei.

Revertindo o fluxo do debate predefinido, non falamos por adiantado da maneira que imos actuar, senón propoñemos a coordinación da acción anarquista e o entrelazamento informal dos proxectos anarquistas a través da forza vital da acción multiforme, así seremos capaces de localizar os nosos erros e as nosas debilidades e ao mesmo tempo sondaremos as nosas capacidades para avanzar nunha avaliación crítica que sexa a base da nosa estratexia que proxecte a acción anarquista frontal contra toda autoridade. A nosa proposta para poñer en marcha a aposta da formación dunha fronte anarquista multiforme e combativa é simple, unha campaña de acción co nome de Decembro Negro que será o detonador para reiniciar a insurrección anarquista dentro e fóra das prisións.

Un mes de accións coordinadas co fin de coñecernos entre nos, de saír á rúa para crebar os escaparates dos grandes negocios, de ocupar escolas, universidades e concellos, de repartir textos que difundan a mensaxe da rebelión, de colocar artefactos incendiarios contra os fascistas e a patronal, de colgar lenzos en pontes e avenidas centrais, de alagar as cidades con afiches e panfletos, de voar as casas dos políticos, de arroxar molotov aos pasmas, de pintar consignas nas paredes, de sabotear a circulación normal das mercadorías en Nadal, de saquear os escaparates da abundancia, de realizar actividades públicas e intercambiar experiencias e puntos de vista acerca de varias temáticas da loita.

De atoparnos nas calexas da cidade e pintar con cinzas sobre os edificios feos dos bancos, das comisaría de policía, das multinacionais, das bases militares, dos estudos de televisión, dos tribunais, das igrexas, dos grupos de caridade.

De desregular a través de miles de maneiras a normalidade social mortífera das psicodrogas, da asfixia económica, da miseria, do empobrecemento, da depresión, regulando a nosa existencia ao ritmo da insurrección anarquista, onde a vida toma significado, na batalla incansante contra a dominación e os seus representantes. De incendiar a fráxil cohesión social e saír ás rúas estrangulando primeiro ao monstro da economía antes de que nos extermine a través dos seus aparellos burócratas e os seus asasinados de traxe que dotan de persoal os centros de administración da guerra económica.

O Decembro Negro non busca ser só unhas datas de disturbios, ao contrario, o que queremos que se cre a través da acción anarquista multiforme e a varios niveis é unha plataforma informal de coordinación na base da cal conflúan empúxeos subversivos. Un primeiro intento de coordinación informal da anarquía alén do cadro predeterminado, cuxa ambición é crear esta experiencia de loita para que poña en marcha propostas subversivas e estratexias de loita.

A nosa proposta conéctase ao mesmo tempo con similares legados de loita máis aló dos nosos límites xeográficos, hai algúns meses en México un grupo de compas atacou cun artefacto explosivo contra o Instituto Nacional Electoral e convocou a unha multiforme e combativa campaña antieleitoral para un Xuño Negro, que foi acompañada por unha boa parte do movemento anarquista: centros electorais e ministerios foron pasto das chamas, os enfrontamentos cos pasmas estenderon polas rúas das cidades, realizáronse mitins e repartíronse textos de propaganda anarquista en contra das eleccións. Un mosaico de acción multiforme con referencias políticas variables e puntos de partida distintos que foi a resposta da anarquía ao circo electoral da democracia, utilizando como ferramentas a horizontalidade, a coordinación informal e a insurrección permanente. Este tipo de experiencias de loita, onde a imaxinación colectiva e a determinación crean focos de guerra liberadores dentro da nova orde de cousas demostran claramente a perspectiva da abolición cos feitos do coñecido pseudobinarismo entre o legal e o ilegal, e ao mesmo tempo actualizan as proxectualidades anarquistas a través das chamas da revolta.

A aposta da subversión queda aberta, a sorte desta proposta atópase nas mans dxs compas de todo o espectro da loita que elixan se vale a pena poñela en movemento.

«A primeira noite na cela, os pensamentos da súa vida libre viaxaban cunha velocidade vertixinosa nas neuronas do seu cerebro. Sabía que o cativerio é a continua-

ción lóxica da xustaposición cun inimigo que sostén a potencia de lume superior a todos os niveis.

Para xs que saboteaban os raíles do percorrido do treneciño do terror dunha realidade social que extermina de mil formas a xs que a desafían, os barrotos do cárcere serán unha realidade, pero sen que isto signifique que se acepte sen batalla.

Con estes pensamentos na cabeza pechou os ollos e soñou, non o que lle gustaría vivir fóra dos muros, senón o pesadelo de moitos anos de inercia, de espera, da deterioración dos instintos.

Á mañá seguinte, enfrontándose por primeira vez á monotonía dunha cotidianidade cativa e

repetida, xa estaba farto de ter paciencia, víraa vagabundeando nos labirintos da tolerancia nas primeiras pegadas da covardía disfrazada. Encerrou o seu odio na maleta das emocións intactas, á beira do seu amor pola liberdade, e pasou a chave a un compañeiro para que a deixase xunto ás tumbas dxs compas asasinadxs que caeron no combate contra o inimigo.

Os anos pasaban e o único que conseguiu o cárcere foi enchelo de rabia, impacientarlo polo despois, facelo buscar formas de aplicación práctica da guerra anarquista, deuse conta de que a única alianza posible é co mundo das posibilidades.

Poucas posibilidades de vencer á maioría das persoas desta sociedade de que a súa elección non consiste en algo entre a tolema e o punto morto, pero suficientes para que valla a pena apostar por elxs sobre a gran idea da destrución. A gran idea dun choque frontal co mundo das sombras e os seus servos. A porta da prisión ábrese e agora sabe o que ten que facer, manter a memoria viva, non deixar espazo para o esquecemento, non esquecer a xs compas que quedaron atrás, retomar o fío da insurrección desde onde se cortou, verter o veneno da subordinación nas redes de reprodución da sociedade capitalista.

¡Pola insurrección anarquista permanente!

¡Ningunha tregua co Poder e as súas marionetas!»

¡Por un Decembro Negro!

¡Pola ofensiva anarquista contra o mundo do Poder!

PD: O 11 de decembro cúmprense dous anos da perda do noso irmán Sebastián “Angry” Oversluij durante a expropiación armada dun banco en Chile, debido ás balas dun servo uniformado do sistema. Cremos que este Decembro Negro é unha oportunidade para honrar a memoria do noso irmán anarquista, unificando a memoria anarquista e abolindo de facto as fronteiras e distancias.



Opini3n



Sim 3 cousa de religions; e eu nom som France

por **Tancredo Tantonto**

Que vaia por diante que considero todas as religions como algo irracional que utilizan mentes perversas coa argúcia de domesticar e dominar as mentes das gentes mais predispostas a necessitar de algo externo ás suas tristes vidas sob promesas de recompensa eterna umha vez mortas.

As variables entre as cr3ntes de ditas religions som diversas, desde o pacifismo tipo 15M até gente organizada que mata para imp3r a sua verdade ás infeas, e nisto leva o recorde hist3rico a igreja cat3lica que padecemos nestes lares com o assassinato de milh3ns de hereges ao longo da sua exist3ncia como religiom do poder; se bem as suas sossias (todas com a mesma raiz num mesmo livro) a muçulmana e a judaica, al3m das suas irm3s cristi3s protestantes, tam3m usam e abusan da religiom como jeito de dividir á povoaç3m, de criar disc3rdia entre semelhantes desde os p3lpitos das suas igrejas,

sinagogas ou mezquitas; ao igual que o fam com a cor da pel ou com a sexualidade.

Eu, que tivem que estudar a hist3ria de reises e ditadores como salvadores da p3tria espanhola, unha, grande e indivis3vel contra os infeas; ainda lembro as historietas do Cid Campeador e de Santiago Matamouros batalhando depois de mortos a lombos dos seus cabalos, cortando cabeças de mouros a sablaços; ou a hist3ria da expuls3m dos 3rabes e judeus da Espanha dos Reises Cat3licos e a posterior colonizaç3m, a golpe de espada e da cruz, das am3ricas e doutros lugares do imp3rio “plus ultra” que continuou por v3rios s3culos de destruiç3m e assassinatos de quem nom se avenia a converter-se em cat3lico e renegar das suas crenças (se 3 que as tinham). Junto a e-lo davam-nos a conhecer esta hist3ria como algo do que sentir-se orgulhosas por ser herdeiras do maior imp3rio que existiu baixo o sol e tudo e-lo baixo o manto protetor do Caudillo, pola graça de deus (cat3lico, por suposto).

E nom 3 cousa de remontar-se as cruzadas nem á colonizaç3m de Am3rica e assim, nestes tempos,

h3 quem assassina em nome do deus cristi3 como o Ku-Kus-Klan (legal nos EEUU) ou o cidad3 noruegu3s islam3fobo e defensor do estado de Israel, que massacr3 68 jovens compatriotas seus na ilha de Ut3ya em 22 de julho de 2011; ou os cont3nuos assassinatos de palestinos a mans de israelitas impregnados da Tor3 e, por suposto, as matanças no nome de Al3 por toda a geografia universal que, com maior crudeça e assiduidade, sofrem os povos dos pr3prios pa3ses do mundo 3rabe; ainda que por ac3 s3 se fale dessas matanças quando tocam de perto.

S3culos de hist3ria amossam, a quem queira saber, matanças e massacres interesadas com o galho de afazer-se com terras ricas em materias primas apreciadas em cada momento, onde a diferença de crenças era a justificaç3m dos poderosos para animar 3 guerra 3 cr3dula soldarada a quem se lhe prometiam riquezas na vida terrena se ganhavam e sa3m vivos, e senom, se morriam no combate, prometiam-lhe a vida eterna no “ceu”, no “olam jaba” ou no “al-jannah”, onde sempre estar3m melhor que na terra, criada por Deus, Al3 ou Jehova para penar com so-

fremento e dor polos pecados que dim que outros cometerom. Deste jeito embarcaram, na conquista de novas terras, gentes que nunca viram o mar carregados de trabucos e cruces a c3mbeo de promesas de atopar o Dourado; ou foram sequestrados e vendidos como escravos mil3s de pessoas numha derrota que ainda segue nos nossos dias. Povoaç3ns inteiras foram massacradas e aniquiladas e a sua cultura borrada da hist3ria no nome do Deus cristi3: guanches, maias, aztecas, toltecas, mohicanos... Todos assassinados com o benepl3cito e a participaç3m do Papa de Roma e dos reises europeios e governantes das col3nias saqueadas.

Por suposto as guerras da atualidade seguem a ser as geradoras das maiores massacres, promovidas e participadas polo auto-denominado primeiro mundo na sua carreira por controlar o petr3leo, o gas natural, a auga e outras materias primas que necessitam como droga para manter o seu status, o seu gram capital; e das que saem beneficiadas as empresas multinacionais de armamento como Instalaza, a empresa que vendia bombas de razimo e que, como a MBDA que desenha, fabrica e

vende misis, eram participadas e assessoradas pelo nosso atual ministro da guerra, Pedro Morenés, quem reconheceu ter assinado desde que é ministro mais de 30 contratos com estas empresas e as suas subsidiárias por valor de muitos milhões de euros, tantos que nem sequer querem dizê-lo, se bem algumas fontes sinalam que sumam mais de 30.

A participação da OTAN nas novas guerras imperialistas nas terras árabes (que nom muçulmanas) som a causa originária dos terríveis atentados sofridos pola povoação do 1º mundo que, curiosamente, nos seus objetivos só logram danar á gente do comum, ao povo inocente, ao igual que sucede com a maioria da gente que morre no mundo árabe pelas bombas e misis lançados pelas forças da OTAN, como o recém “acidente” do hospital de MSF em Afganistão, ou de Rússia, ou do ISIS, ou de Al Qaeda,...

E isto último é o que me leva a suspeitar que detrás destes atentados poidam estar os mesmos que pretendem fazer-se passar por vítimas e alentam á guerra como solução. Nom seria a primeira vez na história que há auto-atentados ou atentados dos que os governos tiraram bo proveito como o incêndio do Reichstag que lhe valera a Hitler para declarar estado de emergência e assinar um Decreto que suspendia a maioria dos direitos humanos e que lhe levaria ao poder totalitário em apenas 27 dias depois de assumir a chancelaria,

tornando-se o III Führer e dando pê a todo o que sucederia depois. Agora Francois Hollande também declarou estado de emergência na França e o feche de fronteiras (negando assim a mentira da Europa unida que levam anos querendo vender-nos) e quer prolongar estado de emergência por 3 meses com a conseguente redução de numerosos direitos, além de declarar a guerra sem quartel ao ISIS (como se nom levarão já tempo os avions franceses bombardeando Síria).

Entretanto por estes lares, o governo que nos toca sofrer, está impulsando um pacto contra terrorismo que convida assinar a todos os partidos políticos, com ou sem representação parlamentar, co galho de reformar o código penal do inimigo e que vai representar umha nova merma de direitos sociais e humanos. Até agora só Podemos escurreu o bulto, se bem a sua nova fichagem, o exgeneral Júlio Rodríguez vem de declarar que “Podemos comprometeuse a respeitar os tratados assinados e a defender umha estratégia comum dentro da OTAN”. Curiosa maneira de desvincular-se, quando este militar estando de JEMAD (máxima autoridade militar depois do rei) estivera ao mando da participação espanhola na intervenção militar da OTAN na Libia de Gadaffi.

Em agosto do ano passado Edward Snowden denunciava que detrás do ISIS estava o Mossad (o serviço secreto israelita) co galho de criar um inimigo e justificar o seu geno-

cídio contra o povo árabe, de feito o ex-jefe do Mossad, Efraim Halevy reconhecia a princípios deste vao que “a intensificação dos enfrentamentos do ISIS contra as forças do Movimento de Resistência Islâmica do Líbano (Hezbollah) contribuiu aos interesses de Israel”. Ó igual que há dados abondosos de que Al-Qaeda foi criada pola CIA e os EEUU. De feito um candidato democrata á presidência dos EUA vem de declarar que a invasão do Iraque “foi a pior decisom de política externa dos Estados Unidos em toda a sua história” e que teve como consequências o fortalecimento do Exército Islâmico, sumando-se assim as declarações de Tony Blair que também reconheceu o erro de ter invadido o Iraque e ter despojado a Saddam Hussein do poder dando pê ao surgimento do ISIS nessas terras.

Além, desde os falsos meios do primeiro mundo, alentam a xenofobia contra as migrantes, sejam por causa económica (criada na origem polos mesmos países do primeiro mundo que valam suas fronteiras para impedir o passo de pessoas e facilitar o trânsito de mercadorias) ou sejam refugiadas de guerra (criadas e potenciadas pelas empresas armamentísticas e os governos que as alentam e dam acolhida).

Assim em todos os canles de televisão espanhóis destacaram o feito de ter-se atopado um passaporte dum refugiado sírio num dos lugares onde estoupara um kamikaze; que nom sei que lhes

da a estes terroristas do ISIS e Al Qaeda de levar sempre com eles a sua identificação incombustível quando vam morrer como mártires; igual é que no ceu dos muçulmanos há um porteiro moi chungo que nom te deixa passar se nom vas com os papeis na mam, porque senom nom se entende que, além do kalasnikov e do cinturo de explosivos, nunca se esqueçam do passaporte.

Fica em mim um amargo sentir solidário com todas as vítimas inocentes destas guerras patrocinadas por ocidente e ao mesmo tempo certo temor a formar parte dessas vítimas, dado que, ao viver numha cidade que tem como figura de valor universal a um “matamouros”, e a teima que lhe deu aos fanáticos da igreja católica de abrir em dezembro a porta santa da Quintana sem ser ano santo, poida converter esta cidade no vindouro albo dos fanáticos de outra crença.

O dia que as vítimas destes brutais assassinatos sejam membros dalgum governo ocidental ou grandes empresários e acionistas de fábricas de armamentos ou de outras multinacionais que baseam o seu êxito na morte, igual começarei a pensar de outra maneira. Entretanto eu ubico todas as mortes no mesmo lado da balança, o dos povos. E por tudo isto: Eu nunca serei France, igual que nunca serei Israel, nem EEUU, nem Espanha, nem ...



Os Fenómenos Eleitorais Mediáticos fazem o seu papel. Eis como funcionam os FEM.

Un artigo de **Jordi Sebastià** para **vilaweb.cat**

Traduzido por **Helena**

Num artigo publicado na imprensa espanhola há um tempo explicava que eram os Fenómenos Eleitorais Mediáticos (FEM). Em síntese, trata-se de fenómenos que giram em torno de um líder carismático, com boa capacidade comunicativa, e são catapultados por um meio de comunicação de massas, ou mais de um. Participam nas eleições e, graças ao apoio dos meios, obtêm presença nas instituições. São, portanto, actores políticos

mas não organizações políticas. Ideologia, organização, estratégia de alianças possíveis, projecto de município ou de país... todo isto não conta para os FEM.

FEM baseiam o sucesso nas duas características que indiquei antes e, portanto, dependem tanto das possíveis fraquezas do seu líder como do volúvel apoio dos meios que os criaram. FEM não precisam um discurso elaborado nem um programa político concreto. De fato, todo isto é percebido como uma eiva e uma característica da ‘velha política’ contra a qual dizem que se rebelam, e baseiam a sua propaganda em mensagens vazios: ‘Somos a regeneração’, ‘Faz falta expulsar a casta’; tolices efectivas para um público habituado a confundir a publicidade com a realidade.

FEM cobraram ultimamente um grande protagonismo na política espanhola, mas são fenómenos bem conhecidos e não contribuem em absoluto com nenhuma ‘nova forma de actuar’ no panorama político. As suas proclamas sobre a ‘representação directa da cidadania’, a ‘participação efectiva através das redes sociais’ ou a criação de organismos que ‘evitam a partitocracia’ parecem bem ridículas quando contemplamos as suas estruturas reais: rígidas, estritamente piramidais. Apesar que a maioria de jornalistas e muitos politólogos despistados os tratam como se fossem organizações políticas e inclusive se esforçam a marcar diferenças ideológicas entre eles, a realidade é obstinada: todos os FEM são essencialmente os mesmos, os matices que os diferenciam são meramente superficiais.

Qual papel fazem FEM? Num primeiro lugar, servem de agência de colocação rápida para aqueles que se apontam -não o confundam com militantes-. É fácil de comprovar como, á margem de uma percentagem mínima de ingénuos, a maior parte dos que integram as suas listas são arribistas de todo tipo -vindos quase sempre dos ‘velhos partidos’ contra os quais dizem que querem actuar- e figurantes que agora, precisamente agora que o vento vem favorável e não dan-tes, decidiram de ‘fazer o salto á política’. Mas, além disso, a presença dos FEM faz quase sempre o mesmo papel no jogo político: favorecer quem já governa. FEM apresentam-se como as opções para a mudança, uma mudança que anunciam que será ‘radical’, ‘de ciclo’ e mais boutades pelo estilo, mas realmente não fazem

senão complicar esta mudança e inclusive o impedir.

As recentes eleccións andaluzas deixaram a prova: o PSOE, que na última legislatura tivo de suportar o controle de IU, agora -graças aos FEM- se fica de novo a sozinhas e com una oposición fragmentada e delirante ao diante... Na mesma lóxica, ás Ilhas e ao País Valenciano FEM aligeiraron a crise do PP. O PP valenciano desfez com ilusión as malas que já tin-

ha bem fechadas de há meses. Um bom resultado dos FEM é a súa única possibilidade de aferrar-se ao poder e continuar o espiral de corrupción e degradación a que nos submeteu estes últimos vinte anos, nuns anos terribéis durante os quais os integrantes dos FEM non consideravam que fizesse falta fazer nada.

E na Catalunya? A lóxica é a mesma: favorecem quem já tem o poder. Isto, numas

eleccións onde o eixo real foi o sim ou non à independencia, quer dizer que favoreceron o bloco independentista?. De um lado temos Convergència, ERC e a CUP, três organizacións bem sólidas. Ninguém duvida que inclusive a mais pequena, a CUP, tem un corpo organizativo, programático e eleitoral bem trabalhado e consolidado. E, à outra banda, ao lado unionista? Pois, com um PP e um PSC em descomposición fulgurante ficam... FEM!

Quando o presidente Mas -que ingénuo non é nada- disse numa entrevista recente que Podemos era un obstáculo para a independencia, non manifestava um medo real senón un desejo: quería que o obstáculo para a independencia fosse Podemos; porque se este é o obstáculo o traballo já está feito. Se em Espanha fica alguém com aquilo que dizem 'visión de Estado' deve estar a punto de se suicidar.

Dez puñaladas á política

Il pugnale, publicación anaquista de número único, Italia, maio de 1996.

Non todos os individuos de Estado están pagados polo goberno. Hai funcionarios que non ocupan un escano no Parlamento, nin tampouco nas estancias adxacentes.

A política é a arte da separación.

Aí onde a vida perdeu a súa plenitude, onde o pensamento e a acción dos individuos foron seccionados, catalogados e encerrados en esferas separadas, aí comeza a política. Habendo afastado algunhas actividades dos individuos (a discusión, o conflito, a toma de decisión colectiva, o acordo) a unha zona de sí que -avalada pola súa independencia- pretende gobernar a todas as demais, a política é ao mesmo tempo separación entre separacións e xestión xerárquica da compartimentación. Móstrase así como unha especialización, obrigada a transformar o problema en suspenso da súa propia función no orzamento necesario para resolver todos os problemas. É por iso precisamente que o papel dos profesionais da política é indiscutible, e o único que podemos facer é substituílos de cando en vez. Cada vez que os subversivos aceptan separar os diferentes momentos da vida e cambiar partindo desa separación, as condicións dadas convértense nos mellores aliados da orde do mundo. E precisamente porque aspira a ser unha especie de condición básica da vida mesma a política exhala por todas partes o seu alento mortífero.

A política é a arte da representación.

Para gobernar as mutilacións inflinxidas á vida, constrínxese aos individuos á pasividade, á contemplación do espectáculo montado sobre a súa propia imposibilidade de actuar, a

delegación irresponsable das súas propias decisións. Entón, mentres que a abdicación da vontade de determinarse a sí mesmos transforma aos individuos en apéndice da máquina estatal, a política recompón nunha falsa unidade a totalidade dos fragmentos. Poder e ideoloxía celebran así as súas funestas nupcias. Se a representación é o que desposúe aos individuos da súa capacidade de actuar, ofrecéndolle en contrapartida a ilusión de ser participantes e non espectadores, esta dimensión da política reaparece sempre alí onde algunha organización suplanta aos individuos e algún programa os mantén na súa pasividade. Aparece sempre aí onde unha ideoloxía une o que na vida esta separado.

A política é a arte da mediación.

Entre a suposta totalidade e a singularidade, e tamén entre os individuos. Do mesmo xeito que a vontade divina necesita os seus propios intérpretes e representantes terrestres, a Colectividade necesita os seus propios delegados. Do mesmo xeito que non existen na realidade relacións entre as persoas, senón só entre os crenes, non son os individuos os que se atopan na política, senón os cidadáns. Os vínculos de pertenza impiden a unión, porque só na diferenza desaparece a separación. A política vólvenos iguais porque non hai diversidade na escravitude, igualdade ante Deus, igualdade ante a lei. Por isto o diálogo real, que nega a mediación, a política substitúeo pola súa ideoloxía. Toda política é unha simulación participativa. Toda política é racista. Só derrubando as súas barreiras na revolta poderemos atopar aos demais na súa e na nosa singularidade. Rebélome logo existimos. Pero se nós existimos, adeus revolta.

A política é a arte do impersoal.

Cada acción é única e particular. Cada acción é como a fugacidade dunha faísca que

fuxe da orde da xeralidade. A política é a administración desa orde. «Que queres que sexa unha acción fronte á complexidade do mundo?» Así argumentan os durmientes na dobre somnolencia dun "sí que é ninguén" e dun "máis tarde que é nunca". A burocracia, fiel serva da política, é a nada administrada co fin de que Ninguén poida actuar. Co fin de que ninguén recoñeza xamais a súa propia responsabilidade na irresponsabilidade xeralizada. O poder xa non di que todo está baixo control, ao contrario di: «Nin sequera eu consigo atopar os remedios, imaxinádevos calquera outro». De agora en diante a política democrática baséase na ideoloxía catastrofista da emerxencia («Ou nós ou o fascismo, nós ou o terrorismo, nós ou o descoñecido»). A xeralidade, tamén a antagonista, sempre é acontecemento que non acontece e que anula todo o que acontece. A política convidanos a todas a participar no espectáculo destes movementos permanecendo inmóbiles.

A política é a arte do adiamento.

O seu tempo é o futuro, é por iso que nos encerra a todos nun presente miserable. Todos xuntos, pero mañá. Calquera que diga «eu e agora» arruína, con esta impaciencia, que é a exuberancia do desexo, a orde da espera. Espera dun obxectivo que salga da maldición do particular. Espera dun grupo no que non poñer en perigo as propias decisións e esconder as propias responsabilidades. Espera dun crecemento cualitativo axeitado. Espera de resultados cuantificables. Espera da morte. A política é a constante tentativa de transformar a aventura en porvir. Pero só se «eu e agora» decido pode existir un nós que non sexa o espazo dunha recíproca renuncia, a mentira que nos volve a uns controladores doutros. O que queira actuar agora é mirado sempre con recelo. Se non é un provocador, dise, certamente actúa como tal.

Pero é o instante dunha acción e dun pracer sen mañá o que nos leva á mañá seguinte. Sen a mirada fixa nas agullas do reloxo.

A política é a arte do acomodamento.

Esperando sempre que as condicións estean maduras, acábase tarde ou cedo aliados cos amos da espera. No fondo a razón, que é o órgano da dilación e do adiamento, ofrece sempre un bo motivo para poñerse de acordo, para limitar os danos, para salvar algún detalle particular dun todo que se despreza. A razón política ten ollos aguzados para atopar alianzas. Non todos son iguais, dinnos. Rifondazione Comunista (ndt: partido italiano de tendencia troskista) non é como esa dereita perigosa e rastrera. (Non votamos por ela nas eleccións ? somos abstencionistas? pero os comités cidadáns, as iniciativas na rúa, son outra cousa). A sanidade pública será sempre mellor que a asistencia privada. Un salario mínimo garantido será sempre preferible ao paro. A política é o mundo do menos malo. E resignándonos ao menos malo, aceptamos paso a paso este todo, dentro do cal só nos conceden as preferencias. O que en cambio non quere saber nada diso menos malo é alguén que se aventura, ou un aristócrata.

A política é a arte do cálculo.

Para que as alianzas sexan proveitosas hai que coñecer os segredos dos aliados. O cálculo político é o primeiro dos segredos. É necesario saber por onde pisamos. Hai que facer detalladas relacións dos esforzos e os resultados obtidos. E a forza de medir o que se ten, acábase conseguindo todo, salvo a vontade de poñelo en xogo e de perdelo. Acábase sempre sen dar moito de si, atentos e con présas para pedir a conta. O ollo fixo sobre o que nos rodea, non esquecéndonos nunca de nós mesmos. Alerta como policía. Cando o amor a un mesmo

vólvese excesivo, esixe ser propagado. Esta sobreabundancia de vida fáinos esquecernos de nós mesmos, fáinos perder, na tensión do arrebatado, a conta. Pero o esquecemento dun mesmo é o desexo dun mundo onde valla a pena perderse, dun mundo que merece o noso esquecemento. É por iso que o mundo tal e como é, administrado por carcereiros e contables, ten que ser destruído, porque podemos dalo todo sen contar. Aí comeza a insurrección. Superar o cálculo, pero non por defecto, como o recomenda o humanitarismo que paso tras paso termina sempre aliándose co verdugo, senón máis ben por exceso. Aí remata a política.

A política é a arte do control.

Que a actividade humana non se libere das cadeas do deber e do traballo para revelarse en toda a súa potencialidade. Que os obreiros non se atopen en tanto individuos e non paren de deixarse explotar. Que os estudantes non se decidan a destruír os colexios para elixir como, cando e que aprender. Que os familiares non se namoren os uns dos outros e non deixen de ser os pequenos servos dun pequeno Estado. Que os nenos non sexan máis que a copia imperfecta dos adultos. Que non acabemos coas distincións entre os (anarquistas) bos e os (anarquistas) malos. Que non sexan os individuos os que se relacionan, senón as mercadorías. Que non se desobedeza á autoridade. Que cando alguén ataque ás estruturas do Estado diga-

se enseguida «que iso non é obra de compañeiros». Que os bancos, os tribunais, os cuarteis non salten polo aire. En suma, de que non se manifieste a vida.

A política é a arte da recuperación.

A forma máis eficaz para desalentar toda rebelión, todo desexo de cambio real, é presentar a unha persoa de Estado como subversiva, ou -mellor aínda- transformar a un subversivo nunha persoa de Estado. Non todos os individuos de Estado están pagados polo goberno. Hai funcionarios que non ocupan un escano no Parlamento, nin tampouco nas estancias adxacentes; máis ben ao contrario, frecuentan os centros sociais e teñen un coñecemento discreto das principais teses revolucionarias. Disertan sobre a potencialidade liberadora da tecnoloxía, teorizan esferas públicas non estatais e a superación do suxeito. A realidade -sábeno moi ben- é sempre moito máis complexa que calquera acción. Así, se conciben unha teoría total, é soamente para poder esquecerla totalmente na vida cotiá. O poder necesítalo porque -como eles mesmos sinalan- cando ninguén lle critica, o poder criticase por sí mesmo.

A política é a arte da represión.

Do que non separa os diferentes momentos da súa vida e quere cambiar as condicións dadas partindo da totalidade dos seus propios desexos. Do que quere queimar a pasividade, a contem-

plación e a delegación. Do que non se deixa suplantar por ningunha organización, nin inmovilizar por ningún programa. Do que quere ter relacións directas entre individuos e facer da diferenza o espazo mesmo da igualdade. Do que non ten un nós sobre o que xurar. Do que perturba a orde da espera porque quere sublevarse de inmediato, non mañá, nin pasadomañá. Do que se entrega sen agardar contrapartidas e esquecese por exceso. Do que defende aos seus compañeiros con amor e determinación. Do que só ofrece aos recuperadores unha única oportunidade: a de desaparecer. Do que rexeita pasar a engrosar as incontables filas dos pícaros e os apáticos. Do que non quere nin gobernar nin controlar. Do que quere transformar o futuro nunha aventura fascinante.



A columna

Fragmento do libro **Ai ferri corti** (Anónimo).

[...]

As investigacións de mercado son, neste sentido, idénticas ás eleccións. A soberanía do elector correspóndese coa soberanía do consumidor, e viceversa. Cando a pasividade televisiva necesita xustificarse, fáise chamar audiencia; cando o Estado ten a necesidade de lexitimar o seu poder, fáise chamar pobo soberano. Tanto nun caso como no outro, os individuos non son outra cousa que reféns dun mecanismo que lles concede o dereito de falar despois de privalos da facultade de facelo. Cando se pode elixir soamente entre un candidato ou outro, que queda do diálogo? Cando se pode elixir só entre mercadoría e programas televisivos diferentemente idénticos, que queda da comunicación? Os contidos das cuestións devesen insignificantes porque o método é falso.

“Nada se asemella máis a un representante da burguesía que un representante do proletariado”, escribía en 1907 Sorel. Aquello que os facía idénticos era o feito de ser, precisamente, representantes. Dicar hoxe o mesmo dun candidato de dereitas e un candidato de esquerdas non é nin máis nin menos que unha trivialidade. Os políticos, con todo, non teñen necesidade de ser orixinais (disto ocúpense os publicitarios), basta que saiban administrar tales trivialidades. A terrible ironía é que os mass media son definidos como medios de comunicación e a feira do voto é chamada elección (ou sexa elección nun forte sentido, decisión libre e consciente).

O punto é que o poder non admite ningunha xestión diferente. Aínda queréndoo (o que nos leva xa cara unha plena “utopía”, para imitar a linguaxe dos realistas), nada importante pode ser pedido aos electores, dende o momento en que o único acto libre que estes poderían cumprir -a única elección auténtica- sería deixar de votar. O que vota anhela preguntas insignificantes, xa que as preguntas auténticas exclúen a pasividade e a delegación.

Saen en liberdade Enrique Costoya e Borja Marquerie

O xuíz Juan Pablo González, despois de analizar a documentación elaborada polos Mossos d'Esquadra, ordenou a posta en liberdade baixo unha fianza de 8.000 euros para Enrique Costoya, veciño de Sants, avogado laboralista da CNT e activista anarquista, encarcerado desde o 30 de outubro. Enrique pasou tres semanas no centro penal de Soto de Real, despois de que antidisturbios e axentes da Comisaría Xeral de Información asaltasen o seu domicilio a madrugada do 28 de outubro, no marco da segunda fase da operación Pandora. No asalto fóranlle requisados libros, carteis e material informático.

Por outra banda, Borja Marquerie, encarcerado no marco da operación ICE sae en liberdade o 20 de Novembro.